

notícias sábado 169

# NS

SUPLEMENTO IN  
O 'PASSAPORTE'  
DE MARIA FILOMENA  
MÓNICA



4 ABRIL 2009 | SEMANAL | ESTA REVISTA FAZ PARTE INTEGRANTE  
DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS N.º 51126 E DO JORNAL DE NOTÍCIAS N.º 3000121  
NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE

**NATO**  
60 anos  
a defender  
a liberdade

**KENPO  
KARATE**  
Jovens  
portugueses  
são campeões  
do mundo mas  
não têm dinheiro  
para competir  
no estrangeiro

**BLOGOSFERA**  
Como fazer  
amigos  
e influenciar  
os outros

## Cristina Branco Triunfo em Paris

«A voz não tem de  
ser espampanante»

Cantora ganha prémios em França,  
é uma estrela na Holanda,  
esgota concertos na Alemanha.  
«Talvez ao décimo álbum Portugal repare  
a sério nela», diz o patrão da editora Universal.

# O TEMPO DE BRANCO

**Kronos**, o novo disco de Cristina Branco, por estes dias em digressão por França, tem deixado os gauleses com pele de galinha. A caravana do tempo da fadista passa dia 18 no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

TEXTO DUARTE SOUSA FOTOGRAFIA REINALDO RODRIGUES EM PARIS

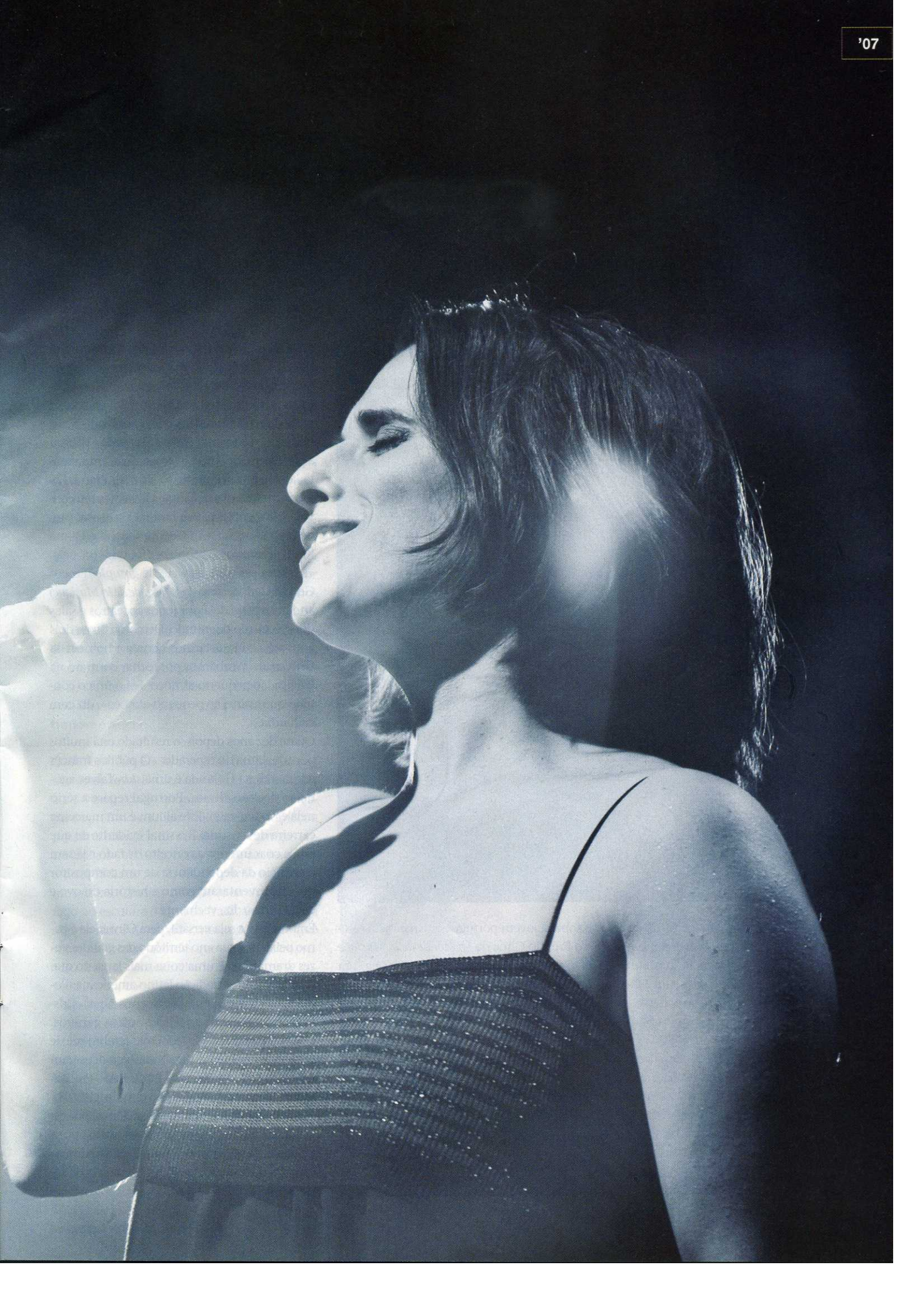
**PENSA-SE NISTO** da vida de artista como um idílio onde não entram fraldas sujas, olheiras e contingências demasiado humanas para rimarem com o brilho do trabalho de palco. A cantora Cristina Branco, 36 anos, em digressão por terras de França com o seu novo álbum, *Kronos*, esforça-se por fazer a síntese de um pujante cartaz internacional – além de França, Holanda, Alemanha, Macau ou a ilha de Guadalupe, nos meses mais próximos; 18 de Abril em Lisboa, no CCB – e mãe de filhos, Martim, de 5 anos, e Margarida, de 2 meses, que já se tornou a coqueluche da imprensa parisiense.

Olivier Nuc, jornalista do diário francês *Le Figaro*, está incrédulo no camarim a assistir à muda da fralda no rescaldo da entrevista. «É normal os artistas mostrarem os filhos, mas na imprensa cor-de-rosa. Estar aqui desta maneira crua é como se Cristina nos dissesse: esta é a minha vida, sou assim, não há nada a esconder. Exactamente como a sua voz delicada e transparente», diz.

Durante a promoção de *Kronos* será comum vê-la a embalar a filha nos braços enquanto se desdobra em entrevistas. «A questão do tempo é das que trago mais presentes. E o tempo para os meus filhos é o mais precioso», adianta. Acaso do destino, um dos temas tem o nome da filha recém-nascida, um poema

menos conhecido de Álvaro de Campos musicado pelo pianista e compositor Mário Laginha e gravado em dueto com Jorge Palma. «Foi uma coincidência. O Mário tinha feito esta música para o Camané (mas nunca foi gravada) e achei que seria maravilhoso juntá-la ao repertório. Não foi intencional para me fazer valer do *marketing* da maternidade», conta, entre risos.

Tal não impede a ocorrência de situações insólitas como estar em pleno concerto em Colombes e, no intervalo de uma canção, ouvir-se o choro de Margarida vindo dos bastidores. «*Et voilà*, esta é a minha filha, respondi, e a plateia desfez-se em gargalhadas. A minha carreira está repleta de momentos satíricos, como quando o pintor Júlio Pomar me quis conhecer porque viu o meu cartaz numa rua de Paris e achava que ia conhecer uma diva, uma mulher altíssima [Cristina tem 1,59 m]», recorda. Desse encontro resultaria, além de uma bela amizade («é o homem maior e mais generoso que conheci»), um encontro fecundo de trabalho. «O Júlio tem-me escrito várias letras para fados. No *Kronos* há o *Fado do Mal Passado* (com música do maestro António Victorino d'Almeida) onde se percebe que o seu talento vai muito para lá das telas», realça a cantora.





A parceria Branco/Pomar já vira frutos no álbum *Ulisses* (é do pintor o tema *Meu Amor Corre-me o Corpo*), o último de originais, após um intervalo em que editou dois tributos, um à fadista Amália Rodrigues (*Live*) e outro ao cantautor Zeca Afonso (*Abril*), todos com a chancela da Universal francesa.

Yann Olivier, 44 anos, director do departamento de Jazz e Música Clássica da Universal França, ouviu Cristina a primeira vez numa cerimónia de entrega de prémios da revista *Le Monde de la Musique*, em Paris, 1999. Yann estava lado a lado com dois monstros sagrados da música clássica – o pianista Alfred Brendel e a cantora Cecilia Bartoli – que se desfaziam em superlati-

vos sobre a jovem portuguesa. Cristina ia receber o Prémio Choc da *Le Monde de la Musique* para o melhor álbum de *world music* pelo seu primeiro disco, *Murmúrios* – um prémio nunca antes conquistado por um artista português.

**Em 1999 recebeu o Prémio Choc da revista *Le Monde de la Musique*, perante monstros sagrados da música clássica, como Alfred Brendel e Cecilia Bartoli.**



«Ficou muda no momento de receber o prémio. E na hora de dizer qualquer coisa, disse que ia agradecer cantando», conta Olivier. Cristina cantou o tema *Saudade* (que viria a fazer parte do seu álbum dedicado ao holandês Slausherhoff, o seu maior êxito até à data) e deixou a plateia em espanto e a lacrimejar. Cantou sentada, de olhos fechados, só ela e a guitarra. Logo no mesmo dia, ao jantar, Olivier tentou convencê-la a entrar para a família Universal (onde estão vozes como Cecilia Bartoli e Diana Krall), mas até isso acontecer foi uma odisséia. «Passei a ser uma espécie de *groupie*. Eu e o George Gad (decano da *Le Monde de la Musique*) andámos atrás dela por todos os teatros e salas de espectáculo do mundo. Demorou quase dois anos até a conquistarmos», conta o homem da Universal. «Acabámos por fechar contrato na Bélgica, ao pequeno-almoço. Foi o único contrato que assinei ao pequeno-almoço», diz com galhardia.

Quase dez anos depois, o resultado está muitos pontos acima do esperado. «O público francês adora-a. E na Holanda é uma *star*. Talvez agora, ao décimo álbum, Portugal repare a sério nela e no seu valor. Este álbum é um marco na carreira de Cristina. É o sinal evidente de que está a criar um novo conceito de fado e já sem o artifício da dependência de um compositor que lhe inventaram como a história do ovo e da galinha», diz, veemente.

Embora a voz seja versátil, para Olivier ela é como peixe na água «no território das grandes vozes dramáticas. É uma coisa mais larga do que o fado. Vai até à tradição latino-americana. Podia ser *portenha* (natural de Buenos Aires). Cristina é a ponte entre o fado e outros géneros. Não sou especialista de fado, mas lembro-me de que em França (e Portugal) também acusaram Amália de não cantar fado tradicional. Precisamente a crítica que mais lhe têm dirigido. Há várias vozes portuguesas de excelência por estes dias, mas nenhuma arriscou tanto como Cristina. Nesse sentido, é uma líder. Nenhuma cantora, de resto, fez tanto pela evolução da sonoridade do fado», frisa.

